



O “contra-modernismo”: internacionalismo e mediação cultural de Sérgio Milliet nos anos 1920

RENATA RUFINO DA SILVA*

“Tudo gênios, tudo obras-primas geniais... Apenas Sérgio Milliet punha um certo malestar no incêndio, com a sua serenidade equilibrada...”
Mario de Andrade

A frase acima, de Mario de Andrade, um dos mais importantes artífices do modernismo brasileiro, é de uma conferência de 1942, posteriormente compilada em seu livro *Aspectos da Literatura Brasileira* (ANDRADE, 1974: 238). Nessa espécie de “balanço” do movimento modernista, vinte anos após a Semana de Arte Moderna de 1922, Mario revelou o clima otimista e eufórico que envolvia os primeiros anos desse movimento no Brasil. A seu ver, na dita “fase heroica”¹ modernista, nos termos do crítico Antonio Candido, um dos seus participantes destoava, impondo o que chamou de “mal-estar” no “incêndio” devido à sua “serenidade equilibrada”: Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966). Sérgio Milliet, que era sociólogo de formação, mas também crítico (literário e de artes plásticas), poeta, ensaísta e tradutor, teve um papel significativo, porém pouco estudado, no movimento modernista.

Esse trabalho, que compõe a minha pesquisa de doutorado, procura contribuir para entender a função desempenhada por Milliet no movimento modernista brasileiro, assim como o seu projeto particular de modernismo. Como temos identificado, Milliet, entre 1922 e 1925, atuando como mediador cultural entre os modernismos do Brasil e da Europa, foi um importante divulgador das ideias modernistas brasileiras e europeias a partir, principalmente, de sua colaboração (seja com artigos, seja com traduções) em revistas de vanguarda dos dois lados do Atlântico. Além disso, foi um dos responsáveis pela “embaixada intelectual” brasileira em Paris que contava, entre outros nomes, com artistas e escritores como Brecheret, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Villa-Lobos.

Apesar de se tratar de um grupo heterogêneo, Milliet destoava de outros modernistas. Envolvido e inserido no movimento, inclusive participando nas contendas literárias, Milliet,

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora do CEFET/RJ - Uned Itaguaí.

¹ A expressão “Fase heroica” foi cunhada pelo crítico Antonio Candido ao se referir ao Primeiro Modernismo, um período que compreende a Semana de Arte Moderna de 1922 e a Revolução de 1930, que sofreria maior influência de Semana. Ver CANDIDO; CASTELLO, 1975.

desde o início, problematizou a visão de “verdade” modernista. Era resistente a certos tipos de nacionalismos, privilegiava o internacionalismo (em seus trabalhos, sobretudo dos anos 1920, defendia que o reconhecimento na Europa era imprescindível para a vitória da arte moderna no Brasil) e apresentava, por vezes, um modernismo menos entusiasmado e marcado por um ceticismo² que o diferenciava de seus pares. Essa postura nos levou a cunhar seu projeto de “contra-modernismo”, expressão inspirada na análise do sociólogo francês Roger Bastide que chamou Milliet de “Contra-Freyre” do Brasil (BASTIDE, 1972: 32). Assim, mesmo não tendo se atrelado integralmente ao “paradigma nacionalista”³, algo tão caro à maioria dos modernistas, o “homem-ponte”⁴ (CANDIDO, 2004: 18) se constituiu um importante agente no movimento modernista, ainda que sua concepção não tenha sido canonizada.

É interessante destacar que Milliet foi enviado para a Suíça, com o incentivo e auxílio financeiro dos tios maternos, em 1912, aonde permaneceu até 1920. Em Genebra, o escritor paulista cursou o secundário e iniciou o curso de Ciências Econômicas e Sociais da Escola de Comércio, concluído na Universidade de Berna. A sua volta ao Brasil se deu no ano de 1922, às vésperas da Semana de Arte Moderna, realizada entre 13 e 17 de fevereiro daquele ano. Ainda assinando seus textos como “Serge”⁵, Milliet participou da Semana com o poema “Oeil-de-boeuf”, escrito em francês, e lido por seu amigo suíço Henri Mugnier. Embora não tenha sido nessa época seu retorno definitivo ao Brasil, que só se deu em 1926, Milliet poderia ter se configurado como um “caso exemplar” de abasileiramento, na conversão ao modernismo, uma vez que passou a valorizar sua terra natal e deixou o continente europeu. Porém, não foi o que ocorreu e, mais do que isso, sua atuação no movimento foi pouco destacada.

Embora o nome de Sérgio Milliet figure entre os participantes do modernismo em trabalhos de história e crítica literária, raramente é numa posição de protagonismo. É importante ressaltar que houve tentativas de reconstruir a imagem de Milliet, após a sua

² O problema do ceticismo na obra de Milliet, principalmente na sua crítica, foi estudado por Regina Campos. Ver CAMPOS, 1996.

³ Sobre essa questão, destacamos o trabalho de Abel Barros Baptista que analisou o clássico de Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira* (1959), em que o crítico formalizou o seu “sistema literário”. Para Baptista, o sistema candidiano seria um prolongamento do movimento de 1922 que ganhou a universidade e até hoje seria o paradigma dominante na teoria literária brasileira. Esse projeto teria como base a construção de uma literatura brasileira enquanto parte essencial da construção da nação, marcando, assim, o caráter nacionalista da literatura e da crítica produzidas no Brasil. Ver Baptista, 2005.

⁴ Expressão de Antonio Candido para se referir a Milliet.

⁵ Posteriormente, ainda na década de 1920, Milliet passou a assinar como “Sérgio”, deixando de usar a versão afrancesada de seu nome.

morte, afiliando-o ao movimento modernista e, sobretudo, investindo em destacar que sua posição não teria sido secundária. Um exemplo disso foi na ocasião da comemoração pelo cinquentário da Semana de Arte Moderna, em que o *Boletim Bibliográfico* da Biblioteca Municipal Mário de Andrade produziu um número especial em homenagem a Sérgio Milliet (número 31, jul/ago/set, 1972). Milliet foi diretor da Biblioteca e, sob sua gestão, foi criado o *Boletim*. A grande maioria dos artigos, contudo, trata da participação de Milliet e sua relação com o grupo modernista de maneira superficial, com exceção do texto de Rubens Borba de Moraes, seu contemporâneo e também participante do movimento de 1922.⁶

No prefácio desse número especial do *Boletim Bibliográfico*, escrito por Antonio d'Elia, identifica-se essa tentativa de marcar o lugar de Milliet no modernismo e na semana de 1922. Para o autor, a ideia de publicação do *Boletim Bibliográfico* (“um periódico oficial de registro atual e dinâmico das atividades técnicas da Biblioteca Municipal e de comentários e crítica de literatura e arte, suscitados pelo próprio registro bibliográfico das obras incorporadas à biblioteca”) trazia a marca dos “revolucionários” da Semana de Arte Moderna de 1922 (D'ELIA, 1972: 7-8).

É interessante mencionar que muitos trabalhos, ao se ocuparem da trajetória de Milliet, procuraram reforçar a brasilidade na sua obra. A necessidade de afirmação da brasilidade nos parece um indício de uma certa desconfiança, mesmo depois da importante e reconhecida atuação de Milliet no campo artístico-cultural brasileiro. No primeiro texto da coletânea, Maria de Lourdes Teixeira apontou que o enfoque de Milliet “de nossa história literária é desapaixonado, isento de influências, de ideias estabelecidas”. Porém, essa característica não seria incompatível com sua “brasilidade” e, sobretudo, sua forte relação com São Paulo:

Sendo do mundo pela universalidade da cultura e pela condição de eterno viajante, contudo era intrínseca e profundamente nosso, não apenas brasileiro, mas paulista, indissoluvelmente ligado à vida de São Paulo, aos problemas de São Paulo, à maneira de se de certas rodas paulistanas. Ninguém mais representativo da inteligentzia paulista. (TEIXEIRA, 1972: 12)

Outro texto que privilegiou o problema da brasilidade na obra de Milliet foi o de Antonio D'Elia, também autor do prefácio. Em “Sérgio Milliet: notas para uma sua biobibliografia”, D'Elia procurou marcar a preocupação de Milliet com as questões nacionais,

⁶ Essa iniciativa de ressaltar o protagonismo de Milliet nesse boletim pode ser vista na apresentação da bibliografia feita no final do volume: “Como justa homenagem ao grande ensaísta e crítico brasileiro, no ano em que se comemora o cinquentenário da SEMANA DE ARTE MODERNA, de 22, da qual foi ativo participante, fez-se esta bibliografia.” (BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, 1972: 95).

mesmo “de um homem que se serviu da sua formação europeia, do *seu* Montaigne, do *seu* Pascal, do *seu* Rousseau....”: “é elemento ponderável para provar o nativismo de Sérgio, a sua apaixonada dedicação às coisas de sua terra, a sua função de líder – despretensioso e sereno – dos nossos movimentos literários e artísticos” (D’ELIA, 1972: 41-42).

D’Elia também sugeriu que, em 1922, teria havido um “reconhecimento da pátria” por parte de Milliet, por ocasião da participação na Semana de Arte Moderna: “O jovem que fazia versos em francês, assinando-os com um ‘Serge Milliet’ francesíssimo, vibrou com a revolução modernista, que livrara o Brasil da tutela intelectual da Europa, porém do que a Europa possuía de rançoso e superado em arte e literatura.” (D’ELIA, 1972: 43). Que, de fato, Milliet conheceu melhor o que se produzia no Brasil e, até mesmo, o próprio país, isso é possível afirmar. Mas esse “reconhecimento da pátria” se deu de maneira bem particular, não provocando necessariamente o atrelamento de Milliet ao paradigma nacionalista.

Um dos textos mais significativos dessa homenagem a Milliet no *Boletim Bibliográfico* foi o de Paulo Duarte, seu amigo e irmão da esposa de Milliet, D. Lourdes. Paulo Duarte lembrou que os dois faziam parte do grupo formado pós-Semana de 1922, composto por “idealistas” e “loucos”, entre os quais também participaram Mário de Andrade, Couto de Barros, Tácito de Almeida, Alcântara Machado, Rubens Borba e Nino Gallo. Esse grupo formulou o projeto do Departamento de Cultura, da Prefeitura Municipal de São Paulo, algo marcante na gestão de Fabio Prado. (DUARTE, 1972: 19-25) Duarte salientou, igualmente, o caráter “transitório” da personagem Sérgio Milliet (fazia incursões pela prosa, poesia, jornalismo, sociologia, história, crítica) e, o que mais nos interessou, que só teria permanecido fiel à sua “angústia”.

De acordo com Duarte, Milliet seria “uma vítima a mais da desilusão brasileira. Mas sem nunca ter sido um recalcado.” Embora tenha sido, a seu ver, “um dos mais autênticos homens do pensamento do Brasil”, viveu os seus últimos anos de vida “com recursos miseráveis”, sendo “obrigado a buscar o suplemento necessário em traduções”. Sobre essa angústia e outras características da personalidade, e da pena, de Milliet:

Forçosamente teria ressentimentos, não recalques. Mas tinha a humildade da inteligência que, como a do Evangelho, não humilha. Por isso tentava o consolo das deambulações pelos cantos do mundo a que se sentia mais ligado, Paris, Genebra, onde estudou e passou a adolescência; São Paulo, Rua Guarará, Clubinho, Paribar... Vivia de uma ansiedade para outra inquietude. Inutilmente, disse-lhe, em carta, Arnaldo Pedroso d’Horta: “Vamos esperar agora que você esteja curado da sua nostalgia europeia e consiga aguentar este país coalhado de incongruências e

bestialidades de sempre, que tanto o irritam". Quase a mesma coisa poderia escrever-lhe qualquer amigo da Europa, fosse Charles Baudouin, Ivan Goll ou Charles Reber" (DUARTE, 1972: 24)

Assim, Milliet viveria essa angústia constante, que desembocaria numa ansiedade permanente. Isso também implicaria na relação com o lugar em que morava: "Onde estivesse, vivia a ansiedade de voltar para casa. Na Suíça ou em Paris, queria voltar para S. Paulo. Em São Paulo, queria voltar à Suíça ou para Paris." (DUARTE, 1972: 25) De toda maneira, a insatisfação com o local em que vivia e a sua consequente "falta de fixação" também foram salientadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos em "Permanência de Sérgio Milliet": "Vivia insatisfeito, a desejar a Europa quando estava no Brasil, a aspirar pelo Brasil quando estava na Europa." (RAMOS, 1972: 57) Outro que também realçou o desencanto em Milliet foi Geraldo Ferraz: "Sérgio era sempre o mesmo gentleman desencantado mas interessado, um portador de alegria tranquila, de palavra inteligente e sensível, o crítico sempre avisado." (FERRAZ, 1972: 65).

Como dito, o único texto desse dossiê do *Boletim Bibliográfico*, em homenagem a Milliet no cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922, que analisou de fato a participação dele no modernismo foi o de Rubens Borba de Moraes. Nele, assinalou que Sérgio Milliet pertenceu à geração de 1922, uma geração "que não fez somente a revolução da Semana de Arte Moderna, mas realizou mais que isso, muito mais." Mais do que marcar a sua participação, Borba realçou o protagonismo e importância das ideias e leituras de Milliet adquiridas na Europa para os artífices mais reconhecidos do movimento. A postura de Rubens Borba deve-se talvez ao fato dos dois intelectuais terem tido uma relação inicial com o grupo dos modernistas paulistas bastante similar (ambos eram recém-chegados ao Brasil após uma temporada europeia), como salientado no texto.

Em "Sérgio e sua geração", Borba de Moraes justificou a ausência do nome de Milliet como um dos mais ativos participantes por falta de documentação:

a atuação, a influência de cada um dos participantes do movimento na formação dos princípios e das ideias que os levaram a agir não tem sido bem definida. Talvez essa lacuna provenha em grande parte da falta de documentação, de depoimentos, de escritos deixados pelos que tomaram parte ativa nessa revolução intelectual. (...) desejo dar meu testemunho sobre a atuação decisiva e a influência que Sérgio exerceu na ideologia modernista . (MORAES, 1972: 59)

Borba de Moraes lembrou, ainda, que sua volta e a de Milliet da Europa, depois de mais de 10 anos longe do Brasil, no início da década de 1920, resultaram no comentário em tom ácido de Mário que os dois tinham retornado “sabidíssimos”:

Voltávamos de fato a São Paulo repletos de leituras modernas, ao corrente de tudo que se estava publicando em França, entusiasmados pelas ideias que estavam revolucionando a arte e a literatura europeia. Chegávamos com as malas cheias de livros de autores novos, de autores desconhecidos ainda no Brasil. Toda essa bagagem foi lida, relida, devorada, discutida valorosamente por Mário de Andrade, por Oswald e pelo pequeno grupo de amigos que, mais tarde, organizaria a Semana de Arte Moderna.⁷

Dessa maneira, para Rubens Borba de Moraes, a participação dele próprio e de Milliet foram centrais, pois foi a partir deles que Mário e Oswald de Andrade tiveram contato com o que havia no modernismo de mais renovador da vanguarda europeia, configurando as ideias principais do movimento⁸. Ainda segundo Borba de Moraes, Milliet já era um “poeta conhecido em Genebra” quando chegou em São Paulo, em 1922, o que diverge de depoimentos do próprio Milliet⁹ e de seus comentadores. De toda maneira, como destacou Borba, “suas ideias sobre poesia, sobre técnica do verso, sobre poética em geral, que expunha com clareza e precisão, tiveram uma influência muito forte sobre Mário de Andrade. Foram adotadas rapidamente por Oswald sempre tão atento em se colocar “à la page”, em acertar o passo” (MORAES, 1972: 59-60).

Além disso, um destaque de Borba foi o papel de Sérgio Milliet como mediador, como “agente de ligação” entre as vanguardas brasileiras e as europeias. Borba de Moraes se refere, especialmente, à atuação de Sérgio enquanto colaborava em *Klaxon*. Em seus termos:

⁷ O comentário de Mário de Andrade que Borba se referiu foi: “E a falange engrossando com Sérgio Milliet e Rubens Borba de Moraes, chegados sabidíssimos da Europa... E nós tocávamos com respeito religioso, esses peregrinos confortáveis que tinham visto Picasso e conversado com Romain Rolland.” (ANDRADE, 1974: 237).

⁸ Em textos memorialísticos, Borba novamente mencionou a importância de sua contribuição e de Milliet ao trazerem as novidades literárias quando chegaram da Europa no início dos anos 1920: “Sérgio e eu “chegados sabidíssimos da Europa”, como disse Mário de Andrade em *O movimento modernista*, representamos o papel de informadores para ele e para o grupo da Rua Lopes Chaves. Seria ridículo eu me arvorar em mentor de Mário de Andrade, mas, como ele confessa, fomos nós os “sabidíssimos”, que o pusemos ao corrente das tendências da literatura francesa do momento. Eu trazia na minha bagagem uma excelente biblioteca contendo tudo quanto se estava publicando na França: poesia, romance, ensaio, teatro, crítica e revistas. Eram livros que não se encontravam nas livrarias de São Paulo. Eram de autores completamente desconhecidos por estas bandas.” (MORAES, 2011).

⁹ Num texto em *De ontem, de hoje, de sempre*, Milliet lembra que Genebra não era uma cidade artística e os artistas quando se tornavam de renome “logo se evadiam do meio pequeno para tentar fortuna em Paris.” Ele comenta que procurou os cenáculos porque era um local que “podia-se filar uma aguardente e recitar uns versos. Ouvir os dos outros era aborrecido” (MILLIET, 1960: 201-203).

Nesse período “pré Semana de Arte Moderna”, quando se formou o grupo de jovens intelectuais, quando se criou nossa ideologia, a atuação de Sérgio foi considerável. Mais tarde na Klaxon o seu papel de agente de ligação entre o grupo de São Paulo e os escritores europeus de uma projeção à revista que assustou os passadistas brasileiros embasbacados. (MORAES, 1972: 60)

Assim, uma maneira que podemos analisar o papel de mediador exercido por Milliet no modernismo é a partir de sua colaboração com a *Revista do Brasil*. A 1ª fase do periódico data do período entre 1916 e 1925, em que se definia como uma revista de “ciências, letras, artes, história e actualidades”. Fundada em São Paulo, em janeiro 1916, por um grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, liderado por Julio de Mesquita, a *Revista* era identificada, sobretudo, à história do estado de São Paulo, no interior de um projeto político-cultural explícito com forte atenção para grandes “questões nacionais”. Em 1918, o periódico foi adquirido por Monteiro Lobato que, desde a fundação, foi um dos principais colaboradores da revista e até 1925 foi seu diretor e proprietário.¹⁰

A primeira menção a Sérgio Milliet na *Revista do Brasil* se deu no número 98, de fevereiro de 1924, em que consta seu nome como “Redactor Secretário” e os de Paulo Prado¹¹ e Monteiro Lobato como diretores. Sob a direção de Prado e Lobato, que se iniciou no número 85 (janeiro de 1923), houve uma forte presença de publicações de autores relacionados ao modernismo (Mário de Andrade chegou a ter uma coluna fixa no periódico intitulada “Crônica de arte”¹²). Para o crítico Wilson Martins, a *Revista* se tornou, nesse

¹⁰ Segundo Tania de Luca, o mensário teve sua primeira fase encerrada entre os anos de 1916 e 1925 (ao todo, 113 números), com a falência de Monteiro Lobato. Nela, há um projeto político-cultural explícito e uma forte atenção às grandes “questões nacionais”. A segunda fase da *Revista*, compreendida entre os anos de 1926 e 1927, contou com apenas nove números editados por Assis Chateaubriand e dirigidos por Plínio Barreto, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e João Pandiá Calógera. Destacaram-se no cargo de redator-chefe Rodrigo Melo Franco de Andrade e no de secretário Prudente de Moraes Neto, que alinharam a revista entre os periódicos modernistas da época. Já a terceira fase, ainda segundo Luca, seria marcada por um esforço em resgatar características do primeiro momento. Esta se iniciou em 1938, sendo dirigida pelo historiador Octávio Tarquínio de Souza, até 1943, constituindo-se um total de 56 números. O quarto momento do mensário, concentrado no ano de 1944, a *Revista* contou com a direção de Frederico Chateaubriand e teve Millôr Fernandes como secretário. Seu formato lembrava a revista norte-americana *Seleções*. O quinto, e último momento, se deu entre os anos de 1984 e 1980, com a publicação de exemplares esporádicos, num total de doze números, em que a *Revista* esteve sob tutela da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. (LUCA, 1999: 31-32).

¹¹ Paulo da Silva Prado (1869-1943) foi membro de uma importante família aristocrática paulista, ensaísta e autor de um dos clássicos do gênero, *Retrato do Brasil* (1928). Sobrinho de Eduardo Prado, ainda jovem manteve contato com membros das gerações de 1870 brasileira e portuguesa, sendo considerado “a menina dos olhos” de Eça de Queirós. Foi um dos financiadores da Semana de Arte Moderna de 1922 e atuou como diretor da *Revista do Brasil* entre janeiro de 1923 (número 85) e maio de 1925 (número 113). Destacou-se também no periódico modernista *Terra Roxa e outras terras* (1926). Para saber mais sobre Paulo Prado, ver PRADO, 2004.

¹² A primeira participação de Mário de Andrade na *Revista do Brasil* foi com o artigo “Debussy e o Impressionismo”, no número 66 (junho de 1921), quando o mensário estava sob direção de Afrânio Peixoto e Amadeu Amaral. Importa citar a nota introdutória da redação ao texto, apresentando Mário como um dos jovens

momento, “moderadamente modernista”.¹³ Sobre isso, Lobato escreveu numa carta ao seu amigo e mais frequente destinatário Godofredo Rangel, datada de 7 de abril de 1924. Em seu marcante tom irônico, ele afirma que já não estava mais tão envolvido na *Revista do Brasil*, ainda que seu nome figurasse entre os diretores do mensário: “Entreguei a Revista ao Paulo Prado e Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai – e se não houver baixa no cambio das assinaturas, o modernismo está aprovado.” (LOBATO, 1956: 264) De todo modo, mesmo que não considerasse sua participação ativa, não podemos negligenciar o fato dessa mudança de linha editorial ter ocorrido numa revista pertencente a Monteiro Lobato, que por muitos anos recebeu o epíteto de anti-modernista.¹⁴

Acreditamos que o vínculo de Milliet com a *Revista* se iniciou na passagem breve que fez pelo Brasil, uma vez que, como se sabe, seu retorno definitivo ao país foi apenas em 1926. No exemplar de sua estreia consta uma curta nota informando a saída de Julio Cezar da Silva e chegada de Sérgio Milliet, apresentado como o “poeta paulista (...) a quem toda a correspondência deve ser dirigida”. (REVISTA DO BRASIL, 1924: 191).

Além de receber as correspondências, enquanto secretário Milliet colaborou com uma coluna intitulada “Rádio notas”. Embora não fosse assinada, é perceptível a identificação da

intelectuais que estariam inovando no campo das letras e das artes: “O autor é um destes jovens que, cheios de estranho vigor e galharda independência, vêm revolucionando as idéias no campo da literatura e da arte, em S. Paulo. Este seu estudo deve ser lido com prazer e proveito por aqueles a quem não sejam indiferentes as questões relativas á evolução artística nos tempos modernos.” (REVISTA DO BRASIL, 1921: 193).

¹³ Segundo Wilson Martins, até a entrada de Paulo Prado, a *Revista do Brasil* poderia ser considerada “um órgão academizante, a princípio indiferente, logo mais ligeiramente hostil aos modernistas”. (MARTINS, 2002: 19).

¹⁴ Wilson Martins em sua crítica literária reabilitou Monteiro Lobato, discutindo o seu epíteto de “inimigo do Modernismo”. Enfatizou que seus textos foram os primeiros documentos contra o “passadismo”, afirmando, inclusive, que *Urupês* “poderia ter sido, deveria ter sido” o primeiro manifesto modernista. Mais que isso, considerava o “Manifesto Antropofágico”, de Oswald de Andrade, “em muitos pontos, uma simples paráfrase do texto lobatiano.” *Urupês*, segundo Martins, anteciparia, inclusive, o postulado central de *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, livro que considerou uma das “obras fundamentais” do movimento modernista. Dessa maneira, o caso da exposição da pintora Anita Malfatti, em 1917, foi por ele revisto. Segundo o crítico, foi uma “virada decisiva” tanto para os jovens modernistas quanto para o escritor paulista. Esse episódio, bastante conhecido, foi decisivo para alimentar a premissa que Lobato seria um “anti-modernista”. Na ocasião, Lobato escreveu um artigo intitulado “Paranóia ou Mistificação” em que criticou o a exposição da artista numa galeria em São Paulo. Contudo, Martins defendeu que o texto foi “muito mais violento pelo título do que pelo conteúdo” e suas ideias eram compartilhadas por outros críticos da época, como Nestor Pestana. Martins citou, ainda, um trecho de artigo de Menotti Del Picchia, que foi “por alguns meses, chefe ostensivo e militante [do Modernismo]”, mas atacou a arte moderna no *Correio Paulistano*: “Vê-se que Monteiro Lobato tem pago sozinho uma dívida de muitos”. (MARTINS, 2002: 26-37)

autoria de Milliet pelo estilo da escrita e pela temática. Na primeira “Radio Notas”¹⁵, do número 99 do mensário (março de 1924), entre outros temas, Milliet exaltou Tarsila do Amaral, teceu elogios, mas com advertências, a Marcelo Tupinambá e a Catullo da Paixão Cearense (“Tupinambá e Catullo são dois gênios que a celebridade está desencaminhando. Voltem os filhos pródigos à casa paterna! Não escutem os mãos conselhos da semi-cultura!”) e lamentou a falta de público na conferência de Blaise Cendrars em São Paulo (“é triste a falta de curiosidade dos brasileiros pelas cousas de arte é uma realidade pavorosa.”). Sobre Tarsila do Amaral, é interessante perceber que o que Milliet valorizou foi justamente sua relação com o “estrangeiro”, o que não a impedia de pintar “em brasileiro”: “Nossos grandes mestres pertencem às escolas antigas e os nossos ‘novos’ não sentem curiosidade pelo que se passa no estrangeiro. Tarsila do Amaral é uma exceção.” (REVISTA DO BRASIL, 1924: 283).

Na edição de abril de 1924, de número 100, ainda atuando como secretário, Milliet participou em três ocasiões. A primeira foi com o texto “Cartões Postaes”, em que reuniu alguns pequenos poemas sobre cidades como Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, Genebra, de seu livro “1\$000 a dúzia”¹⁶. Já a segunda foi com um texto na Coluna “Resenha do Mês”¹⁷, sobre Tarsila do Amaral, e publicado originalmente na revista carioca *A ideia ilustrada*. Neste texto, Milliet revela o fato de não ter gostado dos primeiros trabalhos de Tarsila (“uma ‘hespanhola’ de cores berrantes”) e confessou, inclusive, que quando fazia parte da redação de *Klaxon*, chegou a protestar contra a inserção do seu desenho de Graça Aranha. Isso, porém, só teria mudado quando teve a oportunidade de visitar seu ateliê em Paris: “Oswald de Andrade, o descobridor de gênios, o homem do ‘futurismo’, achára mais um talento. Mário – Tarsila: duas Americas em um anno! Colombo ter-lhe-ia inveja!” (REVISTA DO BRASIL, 1924:

¹⁵ Nesse texto, em particular, foi possível confirmar a autoria de Milliet, pois identificamos o mesmo comentário de Maurice Raynal sobre Tarsila do Amaral em um outro texto de Milliet publicado na revista *Ideia Ilustrada* e reproduzido no número 100 da *Revista do Brasil*.

¹⁶ Reproduzo o poema “Paris”:

“Crepúsculos longos impressionistas
A luz não cahe

Escorrega

Sobre os patins das nuvens....

O Sena foge

Levando o gosto da posse” (REVISTA DO BRASIL, 1924: 317-318).

¹⁷ A coluna “Resenha do mês” era um espaço regular na *Revista do Brasil* em que se apresentava um panorama do movimento artístico e cultural brasileiro, predominando informações sobre lançamentos de livros e aberturas de exposições, além de transcrições de artigos de jornais brasileiros e estrangeiros (principalmente, franceses e italianos).

366-367). Ainda nesse mesmo artigo, Milliet opinou sobre a importância de Tarsila para a imagem do Brasil no exterior:

Queira ou não queira, o Brasil deixará de ser no estrangeiro o paiz do café e da febre amarela. Será bem representado, apesar da nossa má vontade. Depois de Annita Malfatti e Brécheret, Tarsila soffrerá as mesmas graças desgraçadas. Não importa! Dentro de dez annos o Brasil reivindicará com orgulho a nacionalidade da nossa patrícia. Por enquanto, não podemos pedir ao público nada mais do que isso: olhar e respeitar.

Para Milliet, não haveria um interesse por parte dos artistas brasileiros de serem reconhecidos fora do país e, mais do que isso, uma rejeição aos artistas que agiam de forma diferente. Essa postura de valorizar o reconhecimento da arte brasileira na Europa, sobretudo aquela afiliada ao movimento modernista, também pode ser identificada na coluna “Radio Notas”, em que Milliet destacou um artigo sobre os modernistas publicado na revista *Essais Critiques*:

Parece na verdade que alguma cousa de interessante em Arte se está fazendo no Brasil. Ao menos os países europeus começam a se preocupar comnosco dum modo que salta além de frias relações diplomáticas.... Agora foi a vez dum artigo sobre os modernistas brasileiros, que causou certa sensação em Paris, tendo mesmo provocado forte ataque contra os poetas brasileiros, pela revista Essais Critiques. Poetas brasileiros que não merecem apenas o bocejo de um applauso convencional, eis o que nos rejubila! A nota era agressiva e de mordaz ironia. Observe-se contudo que não ultrapassara nunca esse limite em que a intelligencia se circumcreve por vontade própria. Alem desse limite fica o insulto... brasileiro. (REVISTA DO BRASIL, 1924: 380-381).

Nessa mesma nota, Milliet destacou, ainda, a atuação de Jean Bard, professor de dicção do Conservatório de Genebra, um “propagandista da poesia brasileira na Europa”. Segundo escreveu, no seu recente recital em Genebra o músico dedicou toda a segunda parte do programa à poesia brasileira, além de ampliar “por toda a serie de recitais com que percorrerá a Suissa, a Tchecoslováquia e varias cidades de Allemanha e França”. Ainda na mesma nota, no próximo inverno o Sr. Bard voltaria de novo ao Brasil, acompanhado de sua esposa, “com quem organizará uma serie interessantíssima de 5 recitais, dedicados aos 16º, 17º, 18º, 19º e 20º séculos de literatura poética.”

Como podemos observar, assim como em *Ariel*, mensário musical que Milliet atuou como correspondente na sua temporada europeia¹⁸, Milliet se encontrava entusiasmado em

¹⁸ Ariel foi um mensário fundado em outubro de 1923 cuja 1ª fase data até outubro do ano seguinte. Especializada em cultura musical, apresentava um caráter bastante técnico em alguns textos, como também, de acordo com Márcia Padilha, “oscilava entre a adesão à cultura europeia como indicador de progresso e civilidade

relação à divulgação das artes nesses comentários na *Revista do Brasil* nos primeiros meses de 1924. Alguns dos elementos valorizados nos artigos do mensário musical (importância da divulgação da arte brasileira no exterior) também são considerados nesses artigos para a *Revista do Brasil*. A partir da edição de número 102, de junho de 1924, o nome de Milliet não constou mais como redator secretário, porém, no número seguinte, 103 (julho de 1924), ele passou a escrever artigos de Paris, assim como fez em *Ariel*. Os assuntos dos primeiros artigos de volta à Europa foram dos mais variados: sobre Rainer Maria Rilke – escritor tcheco e secretário de Rodin, cujos livros haviam sido traduzidos para o francês por André Gide (julho, 1924 Número 103); sobre o cinema e sua relação com a literatura¹⁹ (agosto, 1924 Número 104); sobre o crescente espaço do tema “esporte” na literatura francesa (setembro, 1924 Número 105).

A partir do número 110, de fevereiro de 1925, Milliet inaugurou a coluna “Crônica parisiense”. Aos moldes de “Carta de Paris”, de *Ariel*, nesse espaço atualizava os leitores da *Revista* acerca das novidades do outro lado do Atlântico, momento-chave de sua atuação como mediador. No primeiro texto dessa coluna, tratou de diferentes assuntos como o bolchevismo, dos trabalhos de seu amigo Charles Baudouin (referiu-se à sua recente publicação, “excellente livrinho”, *Le jeunesse éternelle*), assim como criticou o excesso de comentadores de Anatole France, naquele momento recém-falecido. Além disso, indicou alguns romances, com destaque para “o novo romance de Rabindranath Tagore – A quatre voix – cujo prefácio é do injustamente esquecido Romain Rolland.” (REVISTA DO BRASIL, 1925: 144-145).

Já na sua segunda “Crônica Parisiense”, de março de 1925, podemos destacar dois temas centrais: o salão de outono, em que se predominou a “tendência modernista”, nas palavras de Milliet, e o lançamento do livro de Blaise Cendrars sobre sua viagem ao Brasil. Para o crítico, o salão daquele ano “não trouxe surpresas nem revelações”, mas apenas “confirmou simplesmente a tendência modernista da jovem pintura internacional e o valor indiscutível dos mestres”. Sobre a participação brasileira no evento, lamentou ter sido

e a valorização da cultura nacional, presente em artigos de colaboradores ligados ao movimento modernista, como Sergio Milliet e Mario de Andrade.” (PADILHA, 2001: 55). Importa ressaltar que Mario ocupou a direção da revista entre junho e outubro de 1924.

¹⁹ Nesse artigo há uma interessante reflexão sobre o cinema: “O fim do cinema deve ser sahir da literatura. Entretanto, o cinema acompanha a litteratura. Já tem, como ella, seus primitivos, seus realistas, seus parnasianos, seus symbolistas, seus modernistas e seus fantasistas. (...) Parece-me, portanto, que o futuro do cinema está, ainda, nesse mixto de realismo e modernismo”. (REVISTA DO BRASIL, 1924: 321-323).

pequena, “como sempre”, mas celebrou a contribuição de Brecheret, como exaltou outros artistas:

Nossa contribuição para esta como para as outras exposições é, como foi sempre, pequena. Felizmente podemos apresentar Brecheret, e, fora do Salão, Tarsila, Anita, Yan e Di Cavalcanti. Neste Salão de 1924, a Madaleine aux parfums de Brecheret eleva-nos á altura das nações civilizadas. A crítica não poupou elogios. (REVISTA DO BRASIL, 1925: 231-233).

Em relação ao livro de Cendrars, sobre sua viagem ao Brasil dedicado aos amigos brasileiros, Milliet não poupou elogios, apresentando, também, sua concepção de arte moderna a partir de um comentário de Oswald de Andrade:

Feuilles de Route são notações rápidas e cinematographicas, recheiadas de raras imagens e apimentadas, às vezes, com o mesmo lyrismo dos poemas de Du Monde Entier. A technica do livro lembra Kodak. A mesma ausência total de literatura, a mesma maneira directa e quase secca de apresentar a emoção. (...) Hontem, em casa do pintor Yan, Oswald de Andrade definia Relache, o bailado de Picabia-Satie, pela ausência de esthetica. Póde-se estender a observação a toda a arte moderna.

Já na última coluna “Crônica Parisiense”, no número 112, de abril de 1925, foram muitos assuntos tratados, mas foram privilegiados os lançamentos que mais chamaram sua atenção, as críticas ao excesso de livros sobre Anatole France e algumas recomendações de livros, entre eles o “Jean Christophe” de Romain Rolland. Milliet viria a contribuir no último exemplar da primeira fase da *Revista do Brasil*, o de número 113, de maio de 1925²⁰, com um artigo intitulado “Trechos de um romance”. Composto por aforismas, destaca-se o seguinte: “O brasileiros é seguramente peor que o inglez ou o francez. Mas é meu irmão. E, entre um irmão canalha e um estrangeiro sublime, não hesito. Procuro o canalha. É meu irmão.” (REVISTA DO BRASIL, 1925: 22-25).

Milliet, portanto, teve uma participação ativa no movimento modernista, sobretudo enquanto esteve em Paris, entre 1922 e 1925, diferentemente do que se deu após sua volta definitiva ao Brasil. Sua mediação se estabeleceu a partir da atuação em revistas de vanguarda nos dois lados do Atlântico, em que destacamos, nesse trabalho em particular, o caso da *Revista do Brasil*. Milliet atualizava os leitores sobre as novidades envolvendo artistas europeus, assim como a presença e atuação de artistas brasileiros principalmente na França. É possível ter havido um certo protagonismo de Milliet no movimento modernista enquanto esteve na Europa, que se desfez na sua volta ao Brasil. De todo modo, Milliet passou a atuar,

²⁰ A conhecida como “primeira fase” da *Revista do Brasil* se encerrou com a falência de Monteiro Lobato em 1925.

junto a Mario de Andrade, no triunfo de um determinado projeto modernista, não necessariamente aquele que após 1922 se engajou em defender.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- BAPTISTA, Abel Barros. *O Livro agreste*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- BASTIDE, Roger. Histoire d'un amour déçu. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.31-35.
- BOLETIM BIBLIOGRAFICO - Número Especial – Homenagem a Sergio Milliet - Biblioteca Municipal Mario de Andrade. São Paulo. Número XXXI p. 1-176 julho/ago./set. 1972.
- CAMPOS, Regina. *Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1975.
- CANDIDO, Antonio. *Sérgio Milliet, crítico*. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org). *Sérgio Milliet - 100 anos: Trajetória, crítica e ação cultural*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- D'ELIA, Antonio. Prefácio. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.7-8.
- D'ELIA, Antonio. Sérgio Milliet: notas para uma sua biobibliografia. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.41-45.
- DUARTE, Paulo. Sérgio Milliet. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.19- 25.
- FERRAZ, Geraldo. Página de recordação. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.65.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 7 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1956. 2º Tomo. p.264.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n) ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MARTINS, Wilson. *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- MILLIET, Sérgio. *De hoje, de ontem, de sempre*. 1v. São Paulo: Martins, 1960. p. 201-203.

MORAES, Rubens Borba de Moraes. Sérgio e sua geração. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.59-62.

MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular (recordações)*. Organização e notas Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

PADILHA, Marcia. A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Annablume, 2001.

PRADO, Paulo. *Paulística etc.* / Paulo Prado – 4ed. rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Permanência de Sérgio Milliet. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p.57-58.

REVISTA DO BRASIL. Mar.1916-abr.1925.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Sérgio Milliet. *Boletim Bibliográfico*, nº 31, jul./ago./set. 1972, p. 9 – 18